

Sob o signo da ruína: forma literária e processo social em *Angústia*, de Graciliano Ramos

*Leonardo Luiz de Sousa Matos*⁴⁸

Resumo: Ao longo da exposição, pretende-se apresentar o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, tendo em vista o modo como as memórias de infância de Luís da Silva determinam a constituição da subjetividade do narrador-protagonista. A partir de um exame da forma, tem-se em vista analisar como a reposição de práticas que remontam ao passado oligárquico-escravista da personagem, no plano da narrativa, pode elucidar aspectos referentes ao processo de modernização encampado pelo Brasil durante os anos 1930. Para isso, serão fundamentais as formulações desenvolvidas por Antonio Candido em *Literatura e sociedade*, relativas à articulação entre forma literária e processo histórico-social. Ou seja, trata-se de compreender como a realidade material é reordenada e transfigurada pelo romance. Marcado pela contradição, *Angústia* traz aos primeiros críticos — envolvidos pela estética neorrealista que então vigorava — alguns obstáculos, em função da ausência de instrumentos que lhes possibilitasse lidar com tamanha carga de estranhamento. As categorias forjadas para analisar a situação do romance europeu parecem se mostrar insuficientes para dar conta do romance escrito por Graciliano, cuja consciência artística foi capaz de apreender as especificidades da matéria brasileira. Trata-se, portanto, de precisar, ao longo da apresentação, quais são essas especificidades e qual o papel por elas desempenhado no arranjo da estrutura narrativa. Ou seja, tem-se como objetivo geral identificar de que modo a dinâmica que estrutura as relações sociais do país animam o romance, não apenas como significado, mas sobretudo como agentes de sua constituição formal – apreendida por Antonio Candido, já em *Ficção e Confissão*.

Palavras-chave: *Angústia*; subjetividade; transfiguração; escravidão; anos 1930.

⁴⁸ Bacharel em Letras (2019) pela Universidade de São Paulo. Mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu, durante o ano de 2018, um projeto de Iniciação Científica a respeito da presença da escravidão na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, sob orientação do prof. doutor Fabio Cesar Alves, intitulada “Alternância entre dois mundos: presença da escravidão em *Angústia*”.
E-mail: leonardo.luiz.matos@usp.br

Depois de trinta dias em estado de torpor, enclausurado em seu próprio quarto, Luís da Silva rompe com o silêncio: “Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente.⁴⁹” A afirmação inicial, relativa à ação ensaiada pelo narrador-protagonista de *Angústia*, é sucedida pela confissão da própria inércia, reforçada pelo advérbio “ainda”, cujo emprego sugere a dificuldade de superar os infortúnios que o acompanham. Assim, entre o esboço de movimento e sua efetiva concretização, parece erguer-se um obstáculo que impede a personagem de dominar os próprios gestos. Embora busque vencer o imobilismo que o prende à cama, percebe-se impossibilitado de superar o estado de dormência que lhe acomete.

O período seguinte irradia o esquema anteriormente identificado, aprofundando-o: “Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras ainda permanecem, sombras que se mistura à realidade e me produzem calafrios⁵⁰” Em sua forma pretérita imperfeita, o verbo “perseguir” anuncia a permanência de uma ação que não se encerrou por completo. As visões que “perseguiram” Luís da Silva ainda “permanecem” como sombras, penetram a realidade e confundem seu olhar. A fala, inicialmente escorada no presente, então acaba por resvalar no passado, sugerindo a permanência de dilemas irresolvidos que ainda o acompanham, fundindo-se à realidade em forma de sombras.

O vocábulo (calafrios) que encerra o parágrafo de abertura do romance — ao reunir em seu interior duas outras palavras (*cale* e *frige*), de sentidos opostos — cristaliza os dilemas anunciados logo de saída pelo narrador, a partir da conversão de elementos antitéticos em paradoxo⁵¹. Ou seja, em lugar da disparidade entre ideias inicialmente opostas, figura a compatibilização do contraste. De acordo com Erwin Torralbo Gimenez, “O procedimento valerá, talvez, para todo o romance, visto que já no pórtico se anuncia o *narrador calafriado*, cuja perspectiva circula pelos tempos e espaços sem despiste do patético⁵².” Assim, caso voltemos ao excerto inicialmente citado, podemos suspeitar que, em lugar da oposição anunciada pela conjunção adversativa, existe a articulação entre duas atitudes aparentemente opostas: movimento e estagnação. Ao mesmo tempo que se move, a

⁴⁹ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 16ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Martins, Record, 1976. p. 7.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ “Tal signo ganha alto relevo no fecho do esquema, porque aglutina nas faces do significante e do significado os vetores da tensão; trata-se da contração de duas palavras antitéticas, calor e frio (*cale* e *frige*), atadas aqui como índice de um paradoxo.” GIMENEZ, Erwin Torralbo. “Mal sem mudança - notas iniciais sobre *Angústia*”. *Estudos avançados*, São Paulo, nº 26, 2012. p. 214.

⁵² *Ibidem*.

personagem mantém-se paralisada, tolhida pela realidade que a sufoca. Dessa maneira, logo na sentença de abertura do romance, aparecem condessados os motivos que a atravessam

Em *Ficção e Confissão*, Antonio Candido afirma:

Cada acontecimento é estímulo para Luís da Silva repassar teimosamente fatos e sentimentos da infância e da adolescência, que pesam na sua vida de adulto como sementeira longínqua das ações e do modo de ser⁵³.

A intensificação da agonia e da inércia sofrida pelo funcionário público ainda acaba por desencadear processos rememorativos responsáveis por trazer à tona episódios vividos no passado e que ainda no presente determinam sua maneira de ser e agir — aspecto que já sinaliza o beco sem saída em que se encontra a personagem.

O crítico ainda faz referência à “técnica do devaneio”, presente desde o primeiro romance do autor, *Caetés*, e que consiste na construção de situações fictícias a fim de compensar as frustrações vividas em sua realidade. Em *Angústia*, o mesmo recurso é desenvolvido até atingir o

monólogo interior, onde à evocação do passado vem juntar-se a uma força de introjeção que atira o acontecimento no moinho da dúvida, da deformação mental, subvertendo o mundo exterior pela criação de um mundo paroxístico⁵⁴.

Esquema semelhante seria desenvolvido e aprimorado anos depois, em *Os bichos do subterrâneo*⁵⁵. No ensaio de 1961, o crítico defende que os fatos narrados por Luís da Silva em *Angústia* se organizam a partir da tríplice dimensão que assumem: “(...) a sua realidade objetiva, a sua referência à experiência passada, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista⁵⁶.” Junto ao cruzamento entre o presente da personagem e as recordações da infância e adolescência, destacam-se, portanto, as técnicas de vanguarda — cujo emprego, defende Antonio Candido, em vez de violar o pressuposto realista do romance, revela a clareza do escritor em face à realidade que lhe serve de matéria.

⁵³ CANDIDO, Antonio. “Ficção e confissão”. In: *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012. p. 56.

⁵⁴ *Idem*, p. 27.

⁵⁵ Comparado à *Ficção e Confissão*, o ensaio *Os Bichos do Subterrâneo* representa uma importante virada no posicionamento assumido por Antonio Candido em relação à obra de Graciliano Ramos, em particular no que se refere à *Angústia*. Logo de início, o crítico dá destaque à coerência da obra do escritor alagoano, cujo projeto literário se desdobra em pelo menos três aspectos⁵⁵, que, apesar de distintos, revelam a preocupação do autor em adequar a forma literária a partir da matéria histórico-social com qual tinha de lidar. No ensaio de 1961, aspectos vistos outrora como excentricidade, contrariando a firmeza e discrição vista em outros romances, são percebidos como resultado da articulação entre forma e matéria.

⁵⁶ CANDIDO, Antonio. “Os bichos do subterrâneo”. In: *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012. p. 111.

Carlos Nelson Coutinho⁵⁷ reitera e desenvolve o mesmo esquema descrito por Antonio Candido, quando destaca “o emprego de um tríplice tempo – o da narração do presente, o da recordação da infância e do passado e o dos devaneios subjetivos (...)”⁵⁸. Em sua análise, o crítico baiano identifica justamente na “substituição do tempo real pelo subjetivo⁵⁹” um exemplo de recurso comumente empregado pelas vanguardas, no livro do escritor alagoano. O uso do monólogo interior, cuja forma pressupõe a livre associação de ideias, aliado à fragmentação temporal poderiam, então, colocá-lo ao lado das “mais audaciosas experiências do romance de decadência.”⁶⁰ Com efeito, o processo de fragmentação do romance não implica a perda da capacidade de conformar uma totalidade. Na verdade, as técnicas de vanguarda aparecem subordinadas às leis da narrativa épica tradicional, dando a ver a impotência a que está sujeito o homem brasileiro.

À certa altura do romance, logo após fazer descrever o itinerário feito pelo bonde tomado em direção à própria casa, Luís da Silva faz menção a uma ditadura militar: “Penso numa ditadura militar, em paradas, em disciplina⁶¹.” Mais adiante, ainda afirma: “Muitos crimes depois da revolução de 30”. Na menção ao regime autoritário, aparece condensada a dinâmica entre avanço e atraso, que se estende por todo o romance sob a forma da fusão entre passado e presente. A fala da personagem acaba por sugerir, pois, a face bárbara do intento civilizatório encampado pela revolução de 1930, que se anunciava como ruptura em relação ao passado oligárquico e, simultaneamente, apoiava-se em alianças com os antigos proprietários rurais⁶². Efetivamente degenerou em toda sorte de perseguições desde 1935,

⁵⁷ Escrito em 1965 e publicado em 1967 pela editora Paz e Terra, o ensaio de Carlos Nelson Coutinho se desenvolve a partir da pretensão de analisar a obra de Graciliano Ramos, tendo em vista o modo como o processo de formação da realidade brasileira contemporânea ganha forma em cada um dos romances de ficção escritos pelo autor. Em seu trabalho, apoia-se nas ideias formuladas pelo crítico húngaro Georg Lukács, sobretudo o conceito de realismo.

⁵⁸ COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In: BRAYNER, Sônia (org). Graciliano Ramos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 101.

⁵⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In: BRAYNER, Sônia (org). Graciliano Ramos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 101.

Fernando Cerisara Gil vê na formulação do crítico um exemplo do “esquematismo lukacsiano” que prejudica sua análise, impedindo-o de trazer maiores contribuições a respeito da relação entre forma literária e realidade histórico social. Em lugar de uma rígida oposição entre real e subjetivo, Fernando Gil entende a liricização do gênero romanesco como resposta formal a um dilema histórico. Ver: GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 87.

⁶⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In: BRAYNER, Sônia (org). Graciliano Ramos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 94.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² Como aponta Francisco de Oliveira, em *Crítica da razão dualista*, a oposição entre modernização e atraso era apenas formal. Na verdade, “o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do atrasado, se quer manter a terminologia.” OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2012, p.32.

portanto muito antes do golpe que levou ao Estado Novo. Nesse sentido, o movimento histórico revolucionário, em vez de se opor, repõe no presente as práticas criminosas — assentadas em um modelo de sociabilidade oriundo do passado patriarcal, de que Luís da Silva é herdeiro.

Apesar de não ser apreendida conscientemente⁶³, a dinâmica implicada ao movimento da história não deixa de se imprimir na narrativa, a partir do entrelaçamento dos tempos: somem-se as lembranças da juventude e, mais uma vez, a personagem retorna ao presente — não para nele se fixar, mas para regressar novamente ao passado. Mais precisamente, aos tempos de infância: uma viagem de bonde, de Maceió dos anos 1930 à antiga propriedade do avô.

O passado, antes circunscrito à esfera subjetiva da rememoração, parece extrapolar as fronteiras do indivíduo para se converter em aspecto constitutivo da realidade presente, rompendo, assim, com os limites entre interioridade e exterioridade. Rompe-se também a ordem cronológica: passado e presente aproximam-se, afinal, de tal maneira, que se tornam praticamente indistintos: ao mesmo tempo que dá sinais de sua morte, o mesmo passado ainda insiste em se fazer vivo, reativando no presente práticas que remontam aos tempos da escravidão.

Lidos em conjunto, tais aspectos aludem às ideias lançadas por Roberto Schwarz em “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. De acordo com o crítico, “A nossa realidade não parava de colocar lado a lado os traços burguês e pré-burguês, em configurações incontáveis, e até hoje não há como sair de casa sem dar com elas.” A respeito dos anos 1930, a especificidade reside na compatibilização do discurso desenvolvimentista — encampado pelo projeto modernizador de Getúlio Vargas - e do legado escravista — reativado como motor desse mesmo projeto. Ao mesmo tempo que organiza a realidade, a compatibilização de contrastes figura, pois, como dispositivo estruturante também da forma narrativa de *Angústia*. É o que se pretende aprofundar, por meio da análise de passagens do romance, ao longo da apresentação.

⁶³ “Tenho a impressão de que ele [o bonde] vai me levar ao meu município sertanejo. E nem percebo os casebres miseráveis que trepam o morro à direita, os palacetes que têm os pés na lama, junto ao mangue, à esquerda.” (RAMOS, *Angústia*, p.11).

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. “A posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 57.
- ALVES, Fabio Cesar. *Armas de papel*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 37-50.
- _____. “Sobre o conceito da história.” *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 241-252.
- _____. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 213-240.
- BUENO, Luís. Graciliano Ramos. In: *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Editora da Unicamp, 2015. pp. 597-664.
- BURGER, Peter. “A obra de arte de vanguarda.” *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Ubu, 2017. pp. 127-181.
- CANDIDO, Antonio. “Ficção e confissão”. In: *Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012. pp. 17-98.
- CARVALHO, Lúcia Helena de. *A ponta do rombo: uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- COSTA, Emília Viotti. *A abolição*. 9ª ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In: BRAYNER, Sônia (org). *Graciliano Ramos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 73-122.
- FACIOLI, Valentim. “Dettera: ilusão e verdade – sobre a (im)propriedade em alguns narradores de Graciliano Ramos”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº35, 1993.
- FREUD, Sigmund. “Luto e melancolia”. *Novos estudos*, São Paulo, nº 32, 1992, pp. 130-142.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- GIL, Fernando Cerisara. “Angústia e o romance da urbanização”. In: *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, pp. 78-112.

GLEDSO, John. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 201-232.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. “Balzac: Les Ilusions Perdues”. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. pp.95-114.

_____. “Franz Kafka ou Thomas Mann?” *Realismo crítico hoje*. Brasília: Coordenadora Editora, 1969. pp. 77-133.

_____. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. 3ª ed. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p. 163.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 16ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Martins, Record, 1976. p.134.

_____. *Caetés*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Infância*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

_____. *Pequena história da república*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

REGO, José Lins. *Menino de engenho*. 109ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

_____. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. "O espelho: metafísica da escravidão moderna". *Literatura e Sociedade*, v. 15, n. 13, 2010, pp. 104-131.

SCHWARZ, Roberto. “Prefácio com perguntas”. In: OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2012. pp. 11-23.